

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

“CAIXA DE SURPRESAS”: INSTRUMENTO PARA PESQUISA E INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

Karina Moutinho¹ (✉ karinamoutinho@gmail.com), Josene Ferreira¹, Taciana Feitosa de Melo Breckenfeld¹, & Gessivânia de Moura Batista¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Este trabalho tem como objetivo apresentar a “Caixa de Surpresas” como um instrumento aplicável à pesquisa e à intervenção psicológica no contexto hospitalar. O instrumento foi elaborado pelo Laboratório de Estudos da Imaginação – Eikasia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, Brasil. A caixa tem sido usada para provocar construções sígnicas imaginadas sobre experiências a serem vividas através de imagens, pinturas, desenhos, colagens (Batista, 2019; Feitosa de Melo, 2018). Ao dispormos a caixa ao participante da pesquisa, pretendemos criar uma via não verbal para elaboração simbólica desta experiência futura e que, por vezes, envolve sentimentos difíceis de serem falados. Quando se trata dos utentes diagnosticados com doenças incuráveis, por exemplo, estes sentimentos podem ser frequentes. O presente trabalho deriva de pesquisa realizada por uma das autoras, que investigou, através de estudo de caso, como uma pessoa diagnosticada com câncer de colo de útero, internada em hospital do Recife, Pernambuco – Brasil, imaginava Cuidados Paliativos (Carvalho, 2019).

Carvalho e Parsons (2012) ressaltam que Cuidados Paliativos deveriam ser recomendados para todos os portadores de doenças graves, progressivas e incuráveis, que ameacem a vida, desde o seu diagnóstico. De acordo com Rodrigues (2012), seu objetivo, dentre outros, é oferecer um sistema de suporte que possibilite ao utente viver tão ativamente quanto possível até a sua morte; através de abordagem multiprofissional, dedica-se às necessidades dos utentes e seus familiares (incluindo acompanhamento no luto), no intuito de promover a melhoria da qualidade de vida do utente e influenciar da melhor maneira possível o curso da doença. Este tipo de tratamento, entre-

tanto, enfrenta preconceitos e equívocos diversos no Brasil. De acordo com a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP, 2019) “ainda se confunde atendimento paliativo com eutanásia e há um enorme preconceito com relação ao uso de opióides, como a morfina, para o alívio da dor”. A pesquisadora que realizou a investigação é também psicóloga hospitalar nas enfermarias de Oncologia Adulta e na Casa dos Cuidados Paliativos (conhecida por “Casinha”) do hospital onde estava internada a participante do estudo. Em sua experiência de trabalho no hospital é comum ouvir de utentes e funcionários que a Casinha é um lugar reservado à terminalidade, local em que se vai quando não existe mais nada a ser feito, e por isso está próximo do seu dia de morte. Entretanto, de acordo com os fundamentos paliativistas, para a frase “nada mais pode ser feito” dita a alguém em estado terminal, o profissional de Cuidados Paliativos diz o exato oposto: “ainda há muito a fazer” – frase atribuída a Cicely Saunders, médica inglesa e fundadora de um dos mais importantes serviços do mundo em Cuidados Paliativos (ANCP, 2019).

O estudo que será aqui descrito fundamenta-se teoricamente na Psicologia Cultural Semiótica (Valério & Lyra, 2016; Valsiner, 2007; 2014; 2019; Zittoun et al., 2013). De acordo com Valsiner (2014, p. 9), “We do so through being compulsive meaning-makers – whatever we encounter in our lives we need to *make sense of*, rather than only react to or *act upon*”. O autor ainda diz: “Or even more precisely – as we *react to* and *act upon* the world in the middle of which we live, we construct it as *meaningful for ourselves*”. O ato de simbolizar, de significar o mundo é o que nos caracteriza e é também o que devemos considerar para compreensão de nossa complexidade. Entendemos que imaginar como uma função mental superior na qual fazemos o manejo de símbolos icônicos e linguísticos (Tateo, 2015). Quando nos relacionamos com o outro, seja ele um objeto ou uma pessoa, significamos sua existência e atribuímos atos possíveis, para os quais nos prepararemos e regularemos nossas próprias ações.

Assim, temos buscado construir métodos que permitam uma diversidade de caminhos para significação, com o intuito de percebermos como o participante imagina uma ação com potencial para desenvolver no futuro. Especificamente em relação à Cuidados Paliativos, a Caixa de Surpresas foi usada para ampliar a oportunidade de construir significados pelo utente quando imagina este tipo de tratamento para si. Veremos como a participante significou Cuidados Paliativos através da Caixa de Surpresas e comparar à significação criada nas entrevistas.

MÉTODO

Este estudo foi realizado com a participante de codinome Sylphina Angel, mulher, 42 anos, solteira, residente na Região Metropolitana de Recife, Pernambuco, Brasil. Trabalhava como esteticista, morava com a mãe de 77 anos e a filha de 19. Sylphina foi diagnosticada com câncer de colo de útero em abril de 2018 e a coleta de dados aconteceu no mês de julho deste ano, quando estava internada na enfermaria de Oncologia Adulta do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira – IMIP, Recife. Sylphina tinha sido recém diagnosticada com metástase no pulmão, usava morfina para controle das dores intensas e se investigava a progressão da doença para outras partes do corpo. Tinha potencial encaminhamento para a enfermaria de Cuidados Paliativos, a “Casinha”.

Como material foram utilizados: três roteiros de entrevista semiestruturados, um áudio gravador e uma caixa contendo material para produção de imagens, que chamamos por Caixa de Surpresas, a qual continha papéis, cola, lápis, hidrocor.

Como procedimento, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE (CEP/CCS/UFPE) e ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira CEP-IMIP, e apreciado em acordo com o previsto pelo Conselho Nacional de Saúde através da Resolução 510/2016 (Brasil, 2016). Tendo sido obtidas as respectivas autorizações, foram selecionados os candidatos que atendessem os critérios de inclusão. Dentre estes, somente Sylphina aceitou participar. Os demais admitiram não querer falar sobre Cuidados Paliativos. Sylphina assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, foram realizados dois encontros distintos. O primeiro tinha como objetivo estabelecer *rapport*, conhecer um panorama geral da história de vida da participante e formular as primeiras perguntas sobre como imaginava Cuidados Paliativos. Neste encontro foi entregue a Caixa de Surpresas e ela foi convidada a produzir, com os materiais contidos na caixa ou mesmo outros que quisesse adicionar, sobre como ela imaginava Cuidados Paliativos. No segundo encontro, realizado duas semanas após o primeiro, foram feitas duas entrevistas distintas. Na primeira buscou-se conhecer a produção na Caixa de Surpresas, e na entrevista as questões versaram sobre as imagens construídas pela participante. A

segunda entrevista versou sobre como Sylphina imaginava Cuidados Paliativos, comparativamente ao que havia sido elaborado na primeira entrevista, e ao que havia se passado nestas duas semanas de intervalo.

RESULTADOS

As duas entrevistas que não versaram sobre o material da caixa foram analisadas mais detidamente em outro trabalho apresentado neste congresso, intitulado *Cuidados Paliativos: significações construídas por paciente diagnosticada com doença incurável*. Retomaremos parte destes resultados para compararmos ao que foi produzido e explicado sobre as imagens na Caixa de Surpresas.

Na primeira entrevista, Sylphina falou sobre como recebeu o diagnóstico de câncer: “é como se fosse uma sentença de morte, quando a gente recebe essa notícia. É muito impactante. Ela é chocante”. Falou também sobre como se via no futuro, significação importante para entendermos como imaginava Cuidados Paliativos e sobre seu interesse por esse tipo de tratamento: “Se não houver uma cura, mas um restabelecimento, tudo bem. E se existir uma possibilidade de cura, eu quero cura”.

Quando participa da segunda entrevista e se refere à Casinha, Sylphina constrói significações relacionadas à terminalidade, à finalidade, à morte, seja porque amigos e parentes a colocam nesta condição, seja porque ela mesma assim reconhece este lugar: “muita gente disse que eu estava morta, muita gente que disse que eu estava só esperando a hora (...) que eu estava entubada, que eu estava na Casinha”; “Então quando eu fiquei sabendo o que era a Casinha, (...) eu fiz: ‘então eu estou morta já e só falta enterrar’. Sylphina buscou informações sobre Cuidados Paliativos. Admitimos que a própria intervenção da pesquisadora a colocou na condição de pensar sobre o tema. Ela disse: “a Casinha, segundo fiquei sabendo, era pra quem está em estado terminal, que tinha esse nome ‘paliativo’, era pra paliativo. (...) E eu procurei saber o que era paliativo. E era pra quando não tinha mais esperança, não tinha uma cura e ia pra lá”. Ela também fala sobre uma visita que fez a uma amiga que viu consciente na Casinha e disse de sua surpresa ao encontrá-la consciente, em estado de

alerta: “É porque do jeito que ela estava aqui [na Oncologia], é o jeito que ela está lá [Casinha]. Eu entendi como se estado terminal fosse uma pessoa que não tivesse mais consciência, não tivesse mais nada”.

Até aqui vemos que, para Sylphina, as significações associadas à Cuidados Paliativos se vinculam à morte, ou à incapacidade para viver a vida, o que vemos pela expectativa que tinha de que um utente é internado na Casinha quando está sem consciência. Ela antevê a Casinha como um lugar onde a continuidade da vida é impedida. E lembremos que a cura ou o restabelecimento eram o que ela imaginava para seu futuro. A Casinha, ao que nos diz, não viabilizava o que ela imaginava para si. Mais adiante, quando questionada pela pesquisadora se, uma vez sabendo que ela podia estar consciente na Casinha, e se, assim, ela iria para lá, ela respondeu: “Não sei. Não sei te responder. Porque de repente eu poderia criar forças e sair dali, ou eu poderia me entregar e dizer: pronto, cheguei aqui, é o fim, cheguei pra morrer. Ou não, eu realmente não sei”. Pela primeira vez Sylphina admitiu uma possibilidade positiva do tratamento paliativista, reconhecendo que poderia ter forças na Casinha para superar seu quadro e “sair dali”.

Vejamos agora como ela significa através da Caixa de Surpresas. Sylphina fez três imagens para falar de como imaginava Cuidados Paliativos. No Quadro 1 tem-se cada uma delas e a respectiva explicação dada por Sylphina à cada imagem. Notemos que a primeira delas foi elaborada na própria Caixa. Ela chama de “Casinha de Surpresas” e desenha uma casa na tampa da caixa. Sylphina admite que muito se fala sobre a Casinha a ponto de não se saber ao certo o que é, ou seja, é uma surpresa: “É que assim, como eu disse a senhora, muita gente fala de lá, cada um diz uma coisa”. Esta fala de Sylphina nos alerta para a necessidade de capacitação, de veiculação de informações precisas sobre Cuidados Paliativos, de forma que a sociedade compreenda melhor seu papel como ferramenta para promoção de qualidade de vida. Na intervenção com a pesquisadora e com a Caixa, Sylphina transforma uma visão exclusivamente negativa para admitir que, como uma surpresa, pode ser que ela tenha um desconhecimento sobre a Casinha, sobre Cuidados Paliativos: “Na internet diz outras coisas, eu fui lá e vi coisas diferentes também. Então, no fim das contas é uma surpresa, não tem como saber exatamente”. Na segunda imagem ela retorna para a significação que marcou as entrevistas anteriores, na sua manifestação verbal. Na imagem ela fala do luto, do fim: “pensei que lá pode ser o fim do meu tempo, do meu tempo de vida”. A Casinha é

significada, assim, como lugar de morte, “morre muita gente lá”; e ainda que não se saiba quando estas pessoas vão morrer, o lugar é de terminalidade: “Por isso que o relógio não tem os números, porque o fim do tempo da vida é indefinido”. Vejamos agora o que diz da terceira imagem.

Quadro 1

Imagens elaboradas pela participante através da Caixa de Surpresas e as explicações relativas a cada desenho

Imagens construídas na Caixa de Surpresas	Fragmentos da entrevista relativos a cada imagem elaborada
	<p>Sylphina: (...) como era pra eu imaginar a Casinha, eu pensei que a caixa poderia ser exatamente a Casinha e o que tem dentro seria o que eu imagino que acontece lá. Aí eu fiz dela a “Casinha de Surpresas”, porque a senhora me disse que essa era uma caixa de surpresas, se ela é a casinha pra mim, então eu tive a liberdade de mudar o nome dela.</p> <p>P: Você disse que a Casinha seria uma casinha de surpresas, me explica um pouco mais sobre isso?</p> <p>Sylphina: É que assim, como eu disse a senhora, muita gente fala de lá, cada um diz uma coisa. Na internet diz outras coisas, eu fui lá e vi coisas diferentes também. Então, no fim das contas é uma surpresa, não tem como saber exatamente.</p>
	<p>Sylphina: eu fiz assim, não fiz muita coisa, mas fiz esse relógio e a palavra fim. Porque quando eu comecei a pensar na Casinha eu pensei em muita coisa sobre o tempo. O tempo lá deve passar diferente. Se eu tivesse lá eu acho que eu ia ficar desesperada pro tempo passar e ele não ia passar. Então pensei nisso, mas também pensei que lá pode ser o fim do meu tempo, do meu tempo de vida. Por isso que o relógio não tem os números, porque o fim do tempo da vida é indefinido.</p> <p>P: Eu tô vendo que você escolheu um papel de cor preta, tem algum motivo?</p> <p>Sylphina: (...) é que preto tem a ver com luto né, aí eu pensei que usar essa folha ia ter mais a ver com o fim do tempo. E também porque eu acho que lá provoca muito o uso dessa cor nas pessoas, porque morre muita gente lá e depois disso muita gente usa preto. Aí eu escolhi essa folha.</p>

Quadro 1 (cont.)

Imagens construídas
na Caixa de Surpresas

Fragmentos da entrevista
relativos a cada imagem elaborada



Sylphina: Esse daqui ficou até mais bonitinho. É um Sol bem bonito, cheio de luz e energia, esse Sol tá no horizonte, e ele representa a luz divina. Tem luz mais divina do que o Sol? Aí eu imaginei que quando a pessoa está morrendo, ela vai para a luz eterna, então ela deve ter uma visão assim, de uma luz bonita, que tem energia e que leva.

Pesquisadora: E o que são esses raios caindo?

Sylphina: Não são raios, são como se fosse as lágrimas caindo. São as lágrimas das pessoas que ficam. Depois que a gente morre, o sofrimento é para quem fica né, então esses pingos são as lágrimas.

Pesquisadora: E essas árvores? O que são?

Sylphina: Essas eu fiz por fazer mesmo, porque eu achei que ia ficar bonito na imagem, mas não pensei em nada não. Mas o papel verde eu pensei, porque verde é esperança, então eu quis fazer a partida para a luz divina, mas deixar a esperança. E também a esperança que a gente tem que ter sempre, até o último dia de vida, porque é como dizem, enquanto há vida, há esperança. Então eu escolhi essa cor. Ficou até bonito isso.

Na imagem três temos uma primeira significação que também não tinha emergido até agora. Sylphina significa ao mesmo tempo a esperança para se manter lutando até o final, e como ela imagina a morte para quem parte e para quem fica. “Aí eu imaginei que quando a pessoa está morrendo, ela vai para a luz eterna, então ela deve ter uma visão assim, de uma luz bonita, que tem energia e que leva”. Lembremos que Syphina dizia que queria um restabelecimento, se a cura não fosse possível. Mas agora ela fala da experiência de quem morre, do processo de morrer, das experiências sensoriais, da “luz bonita”; sugere uma transição iluminada para o divino. Fala das lágrimas, do sofrimento de quem fica, mas admite a morte para si: “depois que a gente morre”. A explicação da imagem é finalizada quando falou do verde do papel como a esperança. Diz Sylphina: “a gente tem que ter sempre, até o último dia de vida”. E retoma uma frase comum no Brasil para simbolizar a luta nos momentos mais difíceis: “enquanto há vida, há esperança”.

DISCUSSÃO

Neste trabalho trouxemos um conjunto de significações elaboradas por Sylphina ao longo de três entrevistas, sendo uma delas dedicada a sua produção na Caixa de Surpresas. Com as entrevistas usualmente narramos experiências vividas e elaboramos, para um interlocutor, uma história particular. No caso de Sylphina, nestas narrativas ela significou Cuidados Paliativos e nos contou histórias sobre a amiga internada e consciente, sobre ela pensar que estaria praticamente morta caso fosse tratada por Cuidados Paliativos, ela achar que poderia conseguir encontrar forças para superar a doença se estivesse na Casinha. Mas com a Caixa, Sylphina tem a hipótese de significar com cores, formas, imagens, metáforas. A Casinha que antes tinha uma significação de terminalidade exclusiva, ganha um novo nome: Casinha de Surpresas. A metáfora nos ajuda a perceber que a própria Sylphina não compreende bem Cuidados Paliativos. De forma criativa e inovadora, fala de seu fim através de um relógio sem ponteiros, e assim mantém sua certeza sobre a indefinição quanto ao dia da morte. E, finalmente, através de um desenho “bonitinho”, ela traz uma estética e dinâmica para a morte, com a luz vista por aquele que morre, ao mesmo tempo que sinaliza a esperança para a vida. A Caixa permite que a pesquisadora-psicóloga oportunize outro tipo de “voz” ao utente, que pode construir um material simbólico particular e diverso não necessariamente possível ou comum na entrevista exclusivamente verbal. Com isso, o profissional de saúde, neste caso, da psicologia, também oportuniza para si um material especial para perceber o utente, e uma via de comunicação lúdica, surpreendente, e de amplo poder de significação.

REFERÊNCIAS

- Academia Nacional de Cuidados Paliativos, ANCP (2019). *Cuidados Paliativos*. Retirado de <https://paliativo.org.br/>
- Batista, G. de M (2019). *Processos imaginativos de educadora quanto à docência a crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika*. Dissertação de Mes-

- trado não publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, UFPE, 2019.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2016). Resolução nº510, de 07 de abril de 2016. Brasília, DF.
- Carvalho, J. F. (2019). *Processos imaginativos de uma paciente com câncer sobre Cuidados Paliativos*. Dissertação de mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco.
- Carvalho, R. T. D., & Parsons, H. A. (2012). Manual de cuidados paliativos ANCP. In *Manual de cuidados paliativos ANCP*.
- Feitosa de Melo, T. (2018). *Processos imaginativos de estagiária sobre a experiência de intervenção em Psicologia Clínica*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco.
- Rodrigues L.F. (2012). Modalidades de atuação e modelos de assistência em Cuidados Paliativos. In *Manual de Cuidados Paliativos ANCP. Ampliado e atualizado, 2*, 86-93.
- Tateo, L. (2015). Just an Illusion? Imagination as Higher Mental Function. *Journal of Psychology and Psychotherapy, 5*, 216.
- Valério, T. A. de M., & Lyra, M. C. (2016). Significados ambivalentes no processo de adoção: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo, 21*(2), 337-348.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies. Foundations of Cultural Psychology*. London: Sage Publications.
- Valsiner, J. (2014a). *An invitation to cultural psychology*. London: Sage.
- Valsiner, J. (2019). Culture & Psychology: 25 Constructive years. *Culture & Psychology, 25*(4), 429-469.
- Zittoun, T., Valsiner, J., Gonçalves, M. M., Salgado, J., Vedeler, D., & Ferring, D. (2013). *Human development in the life course: Melodies of living*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.